

Elementos não-metafísicos da psicanálise winnicottiana

*Caroline Vasconcelos Ribeiro **

Resumo: Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger analisa a psicanálise freudiana e indica a marcante presença, nessa ciência, de pressupostos herdados da metafísica moderna, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de uma ciência dos fenômenos psíquicos cujas bases ontológicas não tenham esta proveniência. Com esse artigo, pretendemos mostrar que Winnicott assenta sua ciência em pilares não-metafísicos, sendo assim, não herda a visão de homem consolidada por esse modo de pensar e, em consequência, não o concebe como coisa natural, não o objetifica. Almejamos demonstrar que seu entendimento acerca da saúde e do adocimento psíquico situa-se num terreno epistemológico anterior à consolidada dicotomia sujeito-objeto, ou seja, funda-se em um modo não-metafísico de compreensão das relações estabelecidas entre o homem e o mundo.

Palavras-chave: Heidegger. Metafísica. Psicanálise. Winnicott.

Non-metaphisic elements of the Winnicottian Psychoanalysis

Abstract: In his *Zollikon Seminars* Heidegger analyses the Freudian psychoanalysis and reveals the distinctive presence of assumptions, which this science has

* Doutora em Filosofia da Psicanálise pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Assistente na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: carolinevasconcelos@hotmail.com

inherited from modern metaphysics, while he stresses the need of a science of psychic phenomena whose ontological basis do not have these origins. With this article we would like to demonstrate that Winnicott builds up his theory on non-metaphysical pillars, and by doing so he does not inherit the vision of a human being consolidated by this type of thinking and, consequently, does not understand him as something natural nor objectifies him. We aim to show that his understanding with regard to health and mental disease is anchored on epistemological ground prior to the consolidated dichotomy subject-object, or in other words, is based on a non-metaphysical kind of comprehension of the established relationships between man and the world.

Key-words: Heidegger. Metaphysics. Psychoanalysis. Winnicott

A obra que guia nosso olhar sobre a psicanálise de Winnicott é aquela em que o filósofo alemão Martin Heidegger se dedica à análise das ciências modernas, em particular as que versam sobre o homem, sua saúde e doença psíquicas. Trata-se dos *Seminários de Zollikon*, uma série de preleções, cuja data inaugural nos remete a 1959.¹ Apesar de Heidegger não ter dedicado sequer uma linha à investigação da teoria winnicottiana, as discussões levantadas em Zollikon – com profissionais e estudantes de psiquiatria – acerca da psicanálise de Freud nos abriram novas perspectivas para analisar o pensamento desse pediatra e psicanalista inglês. Posteriormente, indicaremos como a filosofia de Heidegger influenciou o nosso olhar acerca da psicanálise de Winnicott, por ora cabe-nos acentuar que, na referida obra, o filósofo assegura que a psicanálise freudiana se consolidou a partir de garantias oriundas da metafísica moderna e baseou seu modo de procedimento investigativo em preceitos das ciências naturais.²

¹ A obra *Seminários de Zollikon* contém tanto as atas dos seminários proferidos entre os anos de 1959 e 1969, quanto diálogos e cartas trocadas com o psiquiatra Medard Boss, anfitrião e proponente dos Seminários. Heidegger fez, em 08 de setembro de 1959, uma conferência num grande auditório da clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique. Logo em seguida, os encontros passaram a acontecer na casa de Boss, em Zollikon (BOSS, in: Prefácio a Heidegger, 1987, p. XIII/12). (Para a obra *Zollikoner Seminare* usaremos inicialmente a paginação do original e, em seguida, apresentaremos a página da tradução brasileira. Nas citações das obras a seguir, caso haja o registro de duas paginações, estaremos seguindo este modo de apresentação: a primeira referente à original e a segunda à tradução).

² Heidegger afirma (1987, p. 222/260): “A metapsicologia de Freud é a transferência da filosofia neokantiana para o homem. De um lado ele tem as ciências naturais e de outro a teoria kantiana da objetividade”. No artigo intitulado *Freud se encaixaria no rol dos operários (Handwerker) das ciências naturais? Considerações heideggerianas acerca da psicanálise freudiana*, nós indicamos, em pormenores, a

Para Heidegger a ciência freudiana serve-se, muitas vezes sem se atentar, de pressupostos herdados da metafísica moderna, quais sejam: a objetividade (*Gegenständlichkeit*) como modo único de presença das coisas; a representação como via hegemônica de acesso à realidade; o crivo sujeito-objeto como índice primevo e elementar para pensar as relações entre o homem e o mundo; a atuação, no interior do homem, de uma força apetitiva (*vis appetitiva*) acoplada a representações (conceito de pulsão); a concepção de que a natureza deve ser definida por sua legalidade, por sua submissão a leis gerais de causalidade.³

Ao cumprir a tarefa de apontar, datar e qualificar a natureza desses elementos subjacentes aos procedimentos das ciências modernas e, em especial, da ciência freudiana Heidegger está “munido” de uma concepção inaugural de homem. Em outros termos: Heidegger tem em mãos sua concepção de homem enquanto *Dasein*, enquanto ente ímpar e privilegiado que se move numa compreensão de ser (*Seinsverständnis*) que não é fruto de um ato de pensamento representativo.⁴ Dizer que temos uma compreensão determinada de ser não significa afirmar que já dispomos de sua conceituação, fruto de uma elaboração teórica. Tal compreensão se dá, de início e na maioria das vezes (*zunächst und zumeist*), na medida em que lidamos com os entes que vêm ao nosso encontro dentro do mundo.

Grosso modo, podemos dizer que, para Heidegger, nosso comportamento não se dirige primeiramente à nudez de algo simplesmente dado para depois colar-lhe um valor, lidamos com os

natureza da crítica de Heidegger à psicanálise de Freud e avaliamos a assumida pretensão do pai da psicanálise em alcançar o estatuto de cientista natural (RIBEIRO, 2008).

³ Esses elementos característicos da metafísica moderna são trabalhos por Heidegger nos *Seminários de Zollikon* e em outras obras, a diferença é que nos seminários suíços eles são analisados a partir das ciências dos fenômenos psíquicos, em particular, a psiquiatria e a psicanálise freudiana. Sobre a caracterização heideggeriana da metafísica moderna, conferir Heidegger (1976a; 2002; 2006a).

⁴ Reconhecendo o nexo fundamental entre homem e ser, Heidegger preocupa-se em referir-se ao homem escapando das categorias herdadas da metafísica, quais sejam: animal racional, ego cogito, espírito, sujeito transcendental, enfim. Sendo assim, escolhe o termo *Dasein* – que literalmente significa “ser-aí” – para reunir numa só palavra, tanto a relação do ser com a essência do homem, como também essa referência fundamental do homem à abertura (“aí”) do ser enquanto tal. Tal escolha não se deve a um preciosismo semântico do autor, antes, se refere a um pensar fundamental acerca do privilégio ontológico do homem, qual seja: a sua relação com o ser. Relação essa pautada originalmente não na subjetividade que representa, mas na compreensão de ser que abre possibilidades fáticas de sermos no mundo (HEIDEGGER, 1976b, p. 372/58). Por existir uma certa diversidade na tradução desse termo, optaremos por mantê-lo em alemão.

entes sempre em função de possibilidades de *ocupação*, o que equivale dizer que esses não nos vêm ao encontro como objetos puros que devemos determinar teoricamente, mas, de início e na maioria das vezes, se apresentam como algo que serve para isto ou aquilo, como algo que é considerado pré-teoricamente desde a sua serventia. Sendo assim, para a ontologia heideggeriana, a relação primária e originária com os entes não se pauta no âmbito da representação de objetos, mas na lida prática do ser-no-mundo.⁵

Ao entender o homem como *Dasein*, Heidegger rompe com a imposição do binômio sujeito-objeto como índice elementar para o entendimento do ente que nós mesmos somos. Tal imposição é fruto da consolidação da metafísica moderna, para a qual, o sujeito, certo do poder de sua racionalidade, força tudo o que existe a responder a partir do domínio de sua representação. Tal sujeito representante, na medida em que representa também a si próprio, assegura-se de si mesmo enquanto juiz da verdade, enquanto medida do real. Não importa se o sujeito é considerado um *ego cogito*, um sujeito transcendental, um espírito ou uma vontade de poder, o que importa é que, resguardadas as diferenças, no âmbito desse pensamento tudo vem ao homem para ser julgado como objeto, uma vez que ele se torna o juiz que decide o que é a entidade do ente, suas qualidades e as leis que regem a possibilidade de seu conhecimento. A representação (*Vorstellung*) é o modo hegemônico de apreensão e jurisdição sobre tudo o que é, ou seja, sobre os objetos. Nesse sentido, Heidegger (1987) afirma que a eleição da representação como índice primevo da relação com o real, implica no asseguramento de sua objetificação (*Vergegenständlichung*). Eis um dos principais legados da metafísica moderna, também denominada pelo filósofo de metafísica da subjetividade.

Nos *Seminários de Zollikon*, a partir da tematização dos conceitos de pulsão, inconsciente, análise, aparelho psíquico, causalidade, entre outros, Heidegger aponta para o tributo que Freud paga à tradição moderna. A

⁵ A afirmação de que o *Dasein* é um ser-no-mundo não é, certamente, uma constatação do fato banal de o homem sempre se encontrar dentro do mundo. É uma forma radical de exprimir que o *Dasein* só existe de tal maneira. Que “estar” e “ser” no mundo não é uma possibilidade que a existência humana tem, e a qual às vezes recorre, mas é a sua possibilidade concreta, conferir Heidegger (2006b).

essa tradição que impõe a representação como único modo de acesso à realidade. Ao passo em que desenvolve essa crítica, o filósofo assevera, em contrapartida, que o acesso mais originário à realidade não requisita representação, visto que as relações do *Dasein* com o mundo não se reduzem às relações de um sujeito que objetiva, calcula e mensura o real. O que implica dizer que o modo mais genuíno do existir humano, não está pautado nas relações com objetos.⁶ Nesse sentido, o professor dos seminários suíços coloca sobre suspeita a possibilidade de se abarcar os modos primordiais do homem ser em um mundo, a partir da noção freudiana de aparelho psíquico, cuja atividade primordial consiste em investir em objetos. Em outros termos: Heidegger coloca sob suspeita a possibilidade de explicação do ser humano a partir de leis causais familiares a corpos da física e estrangeiras à sua existência.⁷

Vale enfatizar que, apesar de toda a veemência da crítica de Heidegger à ciência freudiana, não encontramos em *Zollikon* uma convocatória para a superação da ciência factual, tampouco a eleição de um pensamento dócil aos envios do ser como crivo exclusivo para o entendimento do homem.⁸ Sendo assim, podemos dizer que, ao invés de propor um pensamento pós-metafísico auscultador das destinações do ser, Heidegger propõe nos seminários suíços a possibilidade de se gestar uma base não-metafísica para a ciência do homem. Supomos então, que o convite heideggeriano expresso aos cientistas de *Zollikon* diz respeito à procura de bases não-metafísicas para pensar fenômenos ônticos. A procura é por uma ciência do homem que não o reduza a uma substância que representa, que não lhe investigue como coisa da natureza.

⁶ Veremos posteriormente que a concepção freudiana de aparelho psíquico está diretamente ligada à pressuposição da capacidade de se relacionar com objetos (FREUD, 1975a).

⁷ Nos seminários suíços, Heidegger (1987, p. 7-36) afirma que Freud, ao realizar uma “observação psicodinâmica” dos fenômenos clínicos, “toma como real e como ente”, mais precisamente, “como real e verdadeiro” aquilo que “pode ser subordinado a ininterruptas conexões causais de forças psicológicas”. Ao fazer tal assertiva, imediatamente remete os alunos à figura do então mundialmente conhecido físico moderno Max Planck que, textualmente, assegurou que “só o que pode ser medido é real”.

⁸ A filosofia tardia de Heidegger ou do “segundo” Heidegger (após meados dos anos 30) prepara um pensamento cuja empreitada é o ultrapassamento (*Überwindung*) da metafísica. Esse pensamento retrocederá rumo à dimensão impensada da origem do pensamento ocidental, a fim de nomear o ser de maneira até então insuspeitada. A “reapropriação” do impensado e a radical superação do pensar metafísico não são localizáveis no “primeiro” Heidegger. É um traço marcante do pensamento tardio, cuja pretensão é meditar sobre os envios do ser. Sobre os momentos do pensar heideggeriano, conferir Heidegger (1976c); Pöggeler (1963); Beaufret (1974).

Claro que a tarefa específica da ciência não compete a Heidegger, não é da alçada da sua nem de qualquer filosofia. Mas, o que lhe competia foi feito com pujança durante os dez anos de preleção: a desconstrução dos elementos subjacentes ao fazer científico-natural, incluindo aí o psicanalítico, e o convite para uma decisão acerca da base ontológica, na qual deveria se assentar uma ciência que pleiteia ajudar o homem no que tange à sua saúde e mazelas psíquicas.

A desconstrução se operacionalizou com a força de sua filosofia. Entretanto, a construção de uma ciência não servil aos imperativos metafísicos, que verse sobre o existir humano sem recorrer a uma semântica que se acomoda no seio da metafísica, utilizando as concepções de sujeito, objeto, representação, causalidade, vindouras desse pensamento, não faz parte do rol das tarefas da filosofia de Heidegger, tanto quanto não faz a proposta de aplicação direta das conquistas de sua analítica existencial aos fenômenos da clínica.⁹ Sendo assim, urge uma decisão. O convite para a tal decisão é assim expresso aos participantes dos seminários:

A grande decisão (*die grosse Entscheidung*) é: será que podemos, a partir desta forma da representação científico-natural, que foi projetada sem consideração ao ser-homem (*Menschsein*) específico, observar o homem no horizonte desta ciência, com pretensão de que com isso conseguiríamos determinar o ser-homem? Ou devemos nos perguntar, de acordo com este projeto da natureza: como se mostra o ser-homem e que **espécie de acesso e de observação ele exige a partir de sua singularidade?** (HEIDEGGER, 1987, p. 33/53-54, grifo nosso).

A solicitação para a grande decisão configura-se enquanto uma convocatória para um questionamento sobre o modo de acesso, sobre a perspectiva ontológica que guia o cientista quando esse se atém aos fenômenos psíquicos, mais que isso, ao ser-homem. Comporta um alerta quanto a dificuldade, ou melhor, a impossibilidade de se aceder à singularidade humana a partir de uma perspectiva de pesquisa não

⁹ A aplicação dos resultados da analítica existencial do *Dasein* na clínica foi ensaiada pela *Daseinsanalyse* psiquiátrica de Ludwig Binswanger, duramente criticada por Heidegger (1987).

projetada para sua especificidade. O clamor para a grande decisão equivale a um convite para uma ciência factual não escravizada pelas orientações das ciências naturais e pelo silencioso crivo metafísico, infiltrado no programa de pesquisa dessas ciências.¹⁰

Pretendemos demonstrar, com esse artigo, que a psicanálise de Winnicott fornece essa espécie de “acesso e de observação que ele [o homem] exige a partir de sua singularidade”. Ao invés de desalbergar a existência humana com categorias metafísicas, ao invés de abordá-la como um aparelho que investe em objetos, determinado pelo princípio de causalidade, Winnicott escapa do perigo de reduzir o homem a um ente subsistente, simplesmente dado (*Vorhandenheit*), passível de ser mensurado e coisificado. Almejamos então, apontar que, em sua psicanálise, Winnicott, sem se dar conta da envergadura ontológica de sua opção, pensa o homem a partir de bases não-metafísicas.

O caminho que pretendemos utilizar para acentuar que Winnicott, ao contrário de Freud, não se serve de heranças da metafísica da subjetividade é o que segue a trilha do seu modo inaugural de entender o amadurecimento emocional do indivíduo e de conceber a saúde e o adoecimento psíquico. De maneira geral, aspiramos indicar que a ciência winnicottiana não herda a visão de homem consolidada pela metafísica moderna e, em consequência, não o concebe como coisa natural, não o objetifica.

Um olhar sobre o ser humano não tributário da dicotomia sujeito-objeto

Winnicott é o psicanalista que mais conferiu peso ao papel do ambiente na constituição do indivíduo, no estabelecimento de um desenvolvimento saudável ou de distúrbios psíquicos.¹¹ Em *Provisão para*

¹⁰ Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger (1987) insiste sobre a marcante associação da psicanálise freudiana com a física clássica (conseqüentemente, com a ciência natural) e questiona acerca de sua capacidade de pensar genuinamente o existir humano, visto que sua linguagem objetificante – devedora da metafísica moderna – não abrange o ente humano de maneira devida, uma vez que o homem não é redutível a uma mera objetividade. Sobre esse tema conferir Ribeiro (2005).

¹¹ O conceito de ambiente é caro ao pensamento winnicottiano e recebe um enfoque inaugural. Como aponta Araújo em *O ambiente em Winnicott*, esse termo não aparece no índice remissivo da edição Standard das obras completas de Freud, nem nos mais conceituados dicionários de psicanálise – o de Laplanche e Pontalis e o de Roudinesco e Plon (ARAÚJO, 2005). Em vários

a criança na saúde e na crise, confere tanto peso à relação entre os cuidados ambientais e os distúrbios psíquicos que acena para a necessidade de medidas profiláticas, sustentando que não devemos aceitar mais a esquizofrenia infantil do que aceitamos a poliomielite. Sua tese central é que uma provisão ambiental suficientemente boa “tende a prevenir a doença esquizofrênica ou psicótica” (WINNICOTT, 1983, p. 65).

A força dessa assertiva deve-se ao fato de o autor colocar em equivalência a necessidade de profilaxia tanto de doenças biológicas quanto psicológicas, indicando que a saúde mental é um aspecto imprescindível à saúde global do indivíduo. Intolerante quanto à reincidência de doenças que podem ser prevenidas – sejam elas orgânicas ou psíquicas – esse pediatra direcionou boa parte de suas intervenções a propósitos profiláticos, proferindo palestras para pediatras, obstetras, enfermeiros, assistentes sociais, professores e pais de família com o intuito de alertar que, nas fases de extrema dependência do bebê aos cuidados maternos, podem se instalar patologias psíquicas passíveis de serem evitadas com cuidados suficientemente bons. Sendo assim, o pensamento winnicottiano enfatiza a necessidade de prestar atenção aos momentos mais iniciais do desenvolvimento humano, ou seja, enfatiza a necessidade de “uma ampliação em retrospectiva da teoria psicanalítica” (WINNICOTT, 1994, p. 95).

Essa retrospectiva rumo às fases mais primitivas do amadurecimento inaugura um modo de abordar do ser humano radicalmente diferente. Isto significa dizer que a extensão da área de fenômenos analisados não requer apenas ajustes na teoria, mas implica a abertura de um horizonte de análise que não é contemplado pelo modelo de abordagem que reduz

momentos esse pediatra assume que o enfoque nas provisões ambientais e não exclusivamente no indivíduo é uma grande contribuição de sua teoria (Cf. WINNICOTT, 2000). Diferenciando-se da psicanálise tradicional que converge suas investigações para o intrapsíquico, Winnicott se perguntou cada vez mais, ao longo de sua obra, sobre os impactos do ambiente na saúde do ser humano. De modo geral, o ambiente se refere tanto às condições físicas quanto psicológicas de cuidados, sendo que no início da vida do bebê, se refere exclusivamente à maternagem. Em condições ideais essa maternagem deve ser exercida pela mãe biológica, contudo, nem sempre é assim. Gostaríamos de salientar que, ao nos referirmos nesse artigo à mãe, aos cuidados maternos ou à maternagem, estaremos fazendo uma alusão a quem assume o lugar de quem cuida, seja a mãe ou substitutos. Quanto ao ambiente inicial, vale ressaltar, consoante Dias, que não é algo externo, nem interno, antes se constitui enquanto a instância que sustenta e responde à dependência do bebê (DIAS, 2003, p. 131). Na saúde, ao longo do amadurecimento, as relações com o ambiente se modificam e se enriquecem.

o homem a um aparelho regido por forças (pulsões).¹² Uma vez que o ponto de partida da psicanálise tradicional pressupõe como alicerçada não só a constituição prévia desse aparelho, como também a possibilidade de investimentos pulsionais em objetos, sua tematização acerca do indivíduo fica restrita a explorar os “conflitos existentes dentro da psique” (WINNICOTT, 1994, p. 195), a investigar os sentimentos que surgem nas relações entre pessoas totais. Já Winnicott (1983, p. 40) elege como o ponto elementar de análise da natureza humana os momentos mais precoces do bebê que, de acordo com seu ponto de vista, não é uma pessoa total e passa a existir tão somente por causa do cuidado ambiental, com o qual forma inicialmente uma unidade.¹³

Na fase mais precoce da vida, a unidade não é o indivíduo, não é, como afirma a psicanálise clássica, o bebê e seu intrapsíquico. Para Winnicott (1994, p. 44), a unidade é o “par que cuida”, o contexto bebê-ambiente.¹⁴ Sendo assim, o ponto de partida winnicottiano não é o intrapsíquico pré-existente, mas a longa jornada a ser percorrida rumo à capacidade de sentir-se inteiro, de sentir-se uma pessoa total capaz de existir e estabelecer relacionamentos objetivos com o mundo externo e com os outros. A impossibilidade de descrever o bebê isoladamente, ou em termos de intrapsíquico, é tão premente para Winnicott (1983, p. 40) que, numa reunião da *British Psycho-analytical Society* ele afirmou “de modo enfático e acalorado: isto que vocês chamam de bebê não existe”. Tal assertiva aponta para o fato de o bebê não ser uma unidade desde sempre garantida; inicialmente “a unidade é o contexto ambiente-indivíduo” (p. 40). Quer dizer: “sem as técnicas que permitem cuidar

¹² *Grasso modo*, podemos dizer que Freud distingue na pulsão sua origem, finalidade (*Ziel*) e objeto. Essa energia propulsora de ações teria então uma fonte (*Quelle*) dentro do organismo, uma espécie de excitação de origem somática, tendo como finalidade a remoção desta. Para atingir tal finalidade, precisa de um objeto (*Objekt*), escolhido em função das vicissitudes da história do sujeito, sendo contingente e variável, cobrindo uma envergadura que pode englobar desde o próprio corpo do indivíduo aos mais diversos objetos externos (FREUD, 1975b). Até 1920, Freud trabalhava com a diade pulsão sexual/libido (*Sexualtrieb*) e pulsão de autoconservação (*Selbsterhaltungstrieb*), a partir de então estas serão agrupadas na grande categoria de pulsões de vida (*Lebenstriebe*), em contraste com as pulsões de morte (*Todestriebe*).

¹³ Sobre a importância do ambiente na conquista do sentimento de ser e do desenvolvimento emocional saudável, conferir Winnicott (1988; 1983).

¹⁴ Essa expressão “par que cuida” Winnicott (1994) empresta de Merrill Middlemore em *The Nursing Couple* e utiliza para expressar a idéia de que não se pode inicialmente descrever o bebê sem a necessária referência aos cuidados do ambiente.

do bebê de modo suficientemente bom o novo ser humano não teria chance alguma” (2000, p. 166).

Para Winnicott, a perspectiva de análise tradicional serve-se de categorias que são incapazes de descrever as trocas que se estabelecem entre um bebê e o ambiente que lhe provê cuidados, reduzindo-as ao campo das relações libidinais. Desse modo, afirma:

Os analistas – mesmo aqueles que vêem um ser humano no bebê desde o seu nascimento – falam freqüentemente como se a vida de bebê começasse com a experiência instintiva oral e com a emergência da relação objetal da experiência instintiva. No entanto, todos nós sabemos que o bebê pode se sentir muito mal como consequência de uma falha que ocorre num *campo bem diferente, ou seja, num campo dos cuidados a ele dispensados* (2000, p. 164, grifo nosso).

Essa citação nos fornece uma gama de assuntos, mesmo que implicitamente. Por exemplo, o tema acerca do começo da vida do bebê. Esse tema vai além do dilema de saber se tal princípio é marcado exclusivamente pela experiência instintiva oral ou pelos cuidados maternos, atinge o questionamento profundo acerca da própria vida, isto é, põe em questão a capacidade de sentir-se vivo, de alcançar a vida, para além das constatações do funcionamento – biológico. Na citação em apreço cabe destacar dois equívocos que a avaliação freudiana comete ao ater-se ao bebê: 1) ela presume que o lactente realiza trocas objetais com o outro (a mãe que também é objeto), mais que isso, analisa exclusivamente a relação inicial do par mãe-bebê sob a ótica da pulsão oral, ou seja, sob a perspectiva da satisfação ou frustração dos investimentos libidinais;¹⁵ 2) a avaliação tradicional minimiza ou praticamente aniquila a função do ambiente como elemento essencial para qualquer tentativa de descrição acerca do amadurecer humano. O que implica dizer que, no caso inicial

¹⁵ Usando uma linguagem econômica, referente a quantidades e investimentos de energia, Freud aborda o psiquismo servindo-se de uma semântica específica, sendo assim, fala de descarga (*Abfluss*) energética, bloqueio de cargas (catexias) afetivas, afluxo de excitações, desinvestimentos, contra-investimentos, enfim. Para Freud (1975c), pensar o psiquismo a partir do plano econômico significa perguntar pela quantidade de produção de prazer ou desprazer envolvida num fenômeno, em outros termos, perguntar pelo represamento ou escoamento de energia psíquica.

da amamentação, a psicanálise tradicional concebe esse ato em termos de relacionamento erótico do bebê com o seio (enquanto objeto, mesmo que parcial) e não atenta para o fato de que aí se trata não de uma simples experiência de alimentação ou de investimento pulsional, mas de uma rica experiência de comunicação mútua e silenciosa que envolve o segurar, o olhar, a respiração, os batimentos cardíacos, o manejar, enfim, toda uma série de dedicações e atuações maternas que serão o alicerce ambiental para a constituição e desenvolvimento saudável do indivíduo.¹⁶

Em função desses equívocos, Winnicott esclarece que ao fazer referência à atividade adaptativa da mãe às necessidades do bebê, não está falando em sua capacidade de satisfazer a pulsão oral do lactente ou de simplesmente alimentá-lo. Nesse sentido, em *A integração do ego no desenvolvimento da criança*, acentua que o que está sendo discutido ao pensar os momentos mais arcaicos do desenvolvimento humano, não é o bebê enquanto uma pessoa que sente fome e cujos impulsos orais podem ser satisfeitos ou frustrados. O que está em questão é um ser imaturo que não poderá sentir-se inteiro e real a não ser que tenha a sorte de uma devoção materna adequada.

Uma vez que indicamos a perspectiva winnicottiana para a compreensão da relação mãe-bebê, mais especificamente da amamentação, cabe perguntar como Freud aborda esse tema. Afinal, lembremos que nosso caminho para o entendimento da teoria winnicottiana foi aberto, inicialmente, pela investigação acerca das críticas heideggerianas à psicanálise de Freud. A senda aberta pelo filósofo nos *Seminários de Zollikon* indicou que o campo conceitual dessa ciência serve-se de heranças oriundas da metafísica moderna, seja no conceito de pulsão, na noção de realidade ou na explicação do aparelho psíquico como conexão causal. Almejando, portanto, um maior esclarecimento acerca do modo como a psicanálise freudiana aborda o ser humano, direcionaremos nossa investigação para a maneira como Freud tematiza os momentos primitivos de um bebê.

¹⁶ Segundo Winnicott (2006, p. 23), a psicanálise tradicional exagerou na forma em que pôs o seio em evidência e não atentou para a gama de cuidados prestados ao bebê no ato de amamentá-lo.

No capítulo VII da obra *A interpretação dos sonhos*, Freud (1982a) disserta sobre a origem do desejo e, para tanto, nos remete à cena do bebê sendo amamentado. Segundo o pai da psicanálise, o bebê faminto grita e dá pontapés movido, no início, por grandes necessidades somáticas. O aumento das excitações internas (fome, sede) faz com que ele busque uma descarga através de movimentos, pois a necessidade consiste numa “[...] força que está continuamente em ação”. A mudança só acontece através do que Freud denomina de “auxílio externo”, ou seja, através da amamentação que põe fim ao “estímulo interno”. Aí teríamos uma “vivência de satisfação”. Um componente fundamental dessa vivência refere-se à percepção da nutrição, “cuja imagem mnêmica”, ficará, desde então, associada ao traço mnêmico de excitação que foi produzido pela necessidade. Em função dessa vinculação, diz Freud, a próxima vez que a necessidade for despertada no bebê surgirá, de imediato, uma “moção psíquica” que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original.¹⁷ Essa moção Freud alinha a de desejo. Dessa perspectiva, o desejo consiste no reaparecimento da percepção e sua satisfação tende a ser obtida através de uma completa catexia da percepção, ou, no estado mais “primitivo do aparelho psíquico”, numa atividade em direção à alucinação. O objetivo dessa primeira atividade psíquica, segundo Freud, seria uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade. Contudo, esse modo primitivo (a alucinação) de obtenção de satisfação, em outros termos, essa “curta via da regressão no interior do aparelho” não é capaz de extinguir a necessidade. Desse modo, a amarga experiência da vida, afirma o autor, deve ter transformado essa atividade primitiva (alucinação) numa atividade secundária, fato esse que cedeu primazia à atividade de buscar satisfação a partir de uma catexia no mundo exterior. Trata-se de uma evolução na capacidade de funcionamento do aparelho psíquico, que, seguindo caminhos mais complexos passou a se desenrolar da imagem mnêmica até o estabelecimento da identidade perceptiva

¹⁷ Catexizar é o mesmo que investir. Trata-se de um conceito econômico da metapsicologia freudiana, usado para descrever as operações que ligam uma determinada energia psíquica a uma representação, um objeto, uma parte do corpo, enfim. Essa energia, convém salientar, é pulsional (Cf. LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).

desde o mundo externo. Esse é o caminho para a realização de desejos. O caminho que a experiência tornou necessário, cuja característica é o encaminhamento da alucinação inicial para longe da vida de vigília, salvo nas “[...] psicoses alucinatórias e nas fantasias de fome”.¹⁸ Fora essas situações, a realização de desejos pela via curta da regressão para o interior do aparelho ficou salvaguardada nos sonhos. Nesse sentido, o autor de *A interpretação dos sonhos* esclarece:

O que um dia dominou a vida de vigília, quando a psique era ainda jovem e incompetente, parece agora ter sido banido para a noite – tal como as armas primitivas abandonadas pelos homens adultos, os arcos e flechas, ressurgem nos quartos de brinquedos. *O sonho é o ressurgimento da vida anímica infantil já suplantada.* Esses métodos de funcionamento do aparelho psíquico, que são geralmente suprimidos nas horas de vigília, voltam a tornar-se atuais nas psicoses e então revelam sua incapacidade de satisfazer nossas necessidades em relação ao mundo exterior (FREUD, 1982a, p. 571-596).

Diante do que foi exposto, podemos depreender que o desejar é a atividade primordial do aparelho psíquico. Apesar de, no seu momento mais primitivo, ter estado atrelado às necessidades somáticas, desvinculou-se totalmente dessas. Não importa se o caminho eleito para satisfação do desejo é o da alucinação ou da catexia na realidade externa, o que é notável é a habilidade desse aparelho, desde os momentos primitivos do seu funcionamento, em perceber o mundo exterior, mesmo que tal percepção gere apenas traços de memória, traços mnésicos. O bebê freudiano, movido por forças interiores recebe um “auxílio exterior” para aplacar sua necessidade somática. Esse “auxílio exterior” é a mãe e tal apacamento se dá com a amamentação. Cabe relevar que a experiência de amamentar é entendida exclusivamente em termos de necessidades alimentares e de desejo. O “auxílio exterior” vem de uma mãe externa, ou melhor, de um seio exterior investido enquanto objeto de desejo.

¹⁸ Todas as citações desse parágrafo são de Freud (1982a, p. 571-572/595-596).

Julgamos pertinente esclarecer que, para Freud, numa pulsão podemos destacar tanto seu componente quantitativo, o afeto, quanto seu componente puramente psíquico, a representação. Em *A pulsão e seus destinos*, o autor insiste na necessária presença da representação psíquica ligada às excitações endossomáticas, fonte das pulsões. Sendo assim, afirma que a pulsão:

[...] nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1975b, p. 85-86/127).

A distinção entre representação e afeto é um dos eixos centrais da psicanálise, cujos préstimos vão da explicação dos sintomas à formação dos sonhos. Para Freud todo ato psíquico é formado por esses dois componentes, o representativo e o afetivo. Tais componentes tanto podem estar ligados entre si, como podem ter sido apartados pelas mais variadas causas. Mesmo correndo o risco de demasiada simplificação, podemos afirmar que, em se tratando das pulsões, o afeto refere-se ao fator quantitativo da moção pulsional, que se desloca, se condensa, se converte ou descarrega em meio às representações, podendo, por vezes, se fixar numa delas. Por isso, cabe ao psicanalista, diante de fenômenos clínicos, determinar os caminhos dos afetos, seus trajetos entre as representações psíquicas.

Como o aparelho freudiano é, preliminarmente, constituído de pulsões, tem como pressuposta a capacidade de se relacionar com objetos, movido por essa força situada na fronteira entre o anímico e o físico. Toda pulsão – mesmo as pulsões parciais, enquanto classe das pulsões sexuais característica da organização libidinal nos primeiros anos de vida – dirige-se a objetos, investe neles e visa a obter satisfação.¹⁹

¹⁹ A fonte dessas pulsões parciais varia durante o curso da organização pré-genital da libido, de acordo com a primazia da zona erógena. Não importa se a fonte pode ser oral ou anal, por exemplo, a característica comum é que são auto-eróticas, ou seja, têm no próprio corpo a fonte de obtenção de prazer. Diz-se que tal pulsão se dirige a objetos parciais devido ao fato de não se dirigir a uma

Desde seu nascimento, o sujeito freudiano, associa representações psíquicas a fontes endossomáticas com o intuito de diminuir a soma de excitações e aumentar o prazer.²⁰ Em traços largos, podemos afirmar que, se uma dada representação está vinculada a uma quantidade de afeto insuportável, o aparelho psíquico, de diferentes modos, buscará se livrar dos elementos intoleráveis.

Interessa-nos aqui, menos inventariar os diversos caminhos de escoamento ou represamento das quantidades de afeto insuportáveis, do que acentuar que todas essas “estratégias” – sejam elas referentes à formação de sintomas, atos falhos ou sonhos – concernem a um ente movido por forças pulsionais, logo, movido por afetos atrelados à representações. Em contrapartida a esse pressuposto da ciência freudiana, a psicanálise winnicottiana defende a idéia de que, ao bebê, ainda não está garantida a chance de habitar a mesma realidade familiar dos adultos saudáveis, ou seja, ainda não está garantida a capacidade de representar. Essa forma de entender o bebê, como veremos a seguir, acarretará uma mudança acerca dos modos de abordar as relações do ser humano com a realidade.

Ao invés de abordar a relação mãe-bebê desde a perspectiva do desejo e da pulsão erótica, Winnicott a concebe como uma prática de comunicação mútua, que será o alicerce para o estabelecimento da saúde mental do indivíduo. De modo resumido, podemos afirmar que, para Winnicott, o bebê não se reduz a um aparelho que sente fome e cujos desejos orais podem ser satisfeitos ou frustrados, trata-se, antes, de um ser imaturo que não poderá sentir-se inteiro e real a não ser que tenha a sorte de uma devoção materna adequada. Uma vez constatada a incapacidade de, servindo-se do arcabouço da teoria tradicional, contemplar a sutileza e a profundidade que se estabelece entre o par “mãe-bebê”, Winnicott constituiu outros modos de leituras dos fenômenos humanos iniciais, conduzindo a psicanálise para territórios inexplorados.

peessoa inteira, mas a partes do corpo (reais ou fantasiadas) (FREUD, 1996f, p. 159).

²⁰ Para Freud (1975a, p. 52-92) o aparelho psíquico é, acima de tudo, “um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos”.

A falta de fiança quanto à capacidade de representar e investir em objetos

Em *A experiência mãe-bebê de mutualidade*, Winnicott afirma que o psicanalista tradicional até então esteve sempre lutando a favor do indivíduo e contra aqueles que atribuíam os problemas à influência ambiental. Tal luta fez com que a teoria tradicional discutisse o bebê ou a criança como um fenômeno isolado sem levar em conta o ambiente. Coube à sua teoria, em particular, apontar que a absoluta dependência e a total imaturidade do bebê tornam uma investigação demorada sobre as provisões ambientais incontornável. Nesse sentido, alertou que a “idéia do indivíduo antes que a do ambiente” deve ser “modificada ou até mesmo abandonada” (WINNICOTT, 1994, p. 196), tornando-se impossível postular um bebê como unidade constituída. O que implica entendê-lo enquanto um fenômeno complexo que congrega seu potencial herdado – que “inclui a tendência no sentido do crescimento e do desenvolvimento” – e o seu ambiente. (WINNICOTT, 1993, p. 43). É nessa direção que a *sua* psicanálise se orienta. Em função disso, autoriza-se a afirmar:

É um alívio que a psicanálise tenha atravessado a fase, que durou meio século, na qual os analistas se referiam a bebês, só podiam falar em termos das pulsões eróticas e agressivas do bebê. Era tudo uma questão de instinto pré-genital, de erotismo oral e anal e reações à frustração, com alguns acréscimos bastante bravios, feitos em termo de comportamento natural agressivo e idéias destrutivas, *agressivité*. [...] mas hoje é necessário que os analistas que se referem à natureza do bebê vejam o que mais se acha lá para ser visto. Para o analista ortodoxo, se ele examinar melhor, há alguns choques à sua espera (WINNICOTT, 1994, p. 196).

Um dos argumentos winnicottianos passíveis de chocar um analista ortodoxo é o que admite a total falta de fiança quanto à existência de um ser humano total quando estamos diante de um neonato. Isto não quer dizer que o bebê não seja um exemplar humano ou até mesmo “uma

unidade humana”, entretanto, “ele ainda não é uma unidade em termos de desenvolvimento emocional” (WINNICOTT, 1988, p. 136).²¹ Para tanto, precisa percorrer um longo trajeto que só poderá ser garantido por um ambiente facilitador. De modo que, para Winnicott, um “eu” individual não precede a relação do par que cuida, do par mãe-bebê, ao contrário, ele a sucede. Isto certamente pode chocar cientistas que pagam tributos à lógica e à ciência natural. Mas essa precedência do duplo sobre a unidade é apenas um dos paradoxos que o pediatra inglês sugere que suportemos.²²

A imagem do colo materno como primeiro lugar para ser, como primeiro “mundo” que o bebê – em processo contínuo de conquista do sentimento de ser – poderá habitar é recorrente na obra de Winnicott. Os braços envolventes da mãe, o ato de segurar o bebê adaptando-se ao seu corpinho, a atenção ao seu funcionamento sensorio-motor, a adequação às suas necessidades, a proteção quanto às agressões fisiológicas – como barulho extremo, frio ou calor exacerbado – enfim, uma rotina completa de cuidados congregam os aspectos que pertencem ao que Winnicott (1993, p. 44) alcunha de *holding*. O *holding* é muito mais que um mero segurar, refere-se a um somatório de habilidades maternas que, se suficientemente boas, atendem às necessidades físicas e psicológicas essenciais do bebê. Ao atendê-las, na fase de extrema dependência, a mãe permite que seu filho seja, *continue sendo*, de modo que ele não tenha que se dar conta do ambiente.

Desencarregado por um *holding* satisfatório de levar em conta o ambiente – seus ruídos e imprevisibilidades – o bebê “segue sendo”

²¹ Às vezes as expressões winnicottianas podem facultar confusão. Sendo assim, vale esclarecer que quando se diz que o bebê não é uma unidade, significa que ali não se encontra uma pessoa integral, um EU. Ao mesmo tempo, o autor afirma que o bebê e o ambiente formam uma unidade. Nesse caso, “unidade” carrega o sentido de algo que não pode ser pensado de maneira cindida, separada.

²² O pensamento de Winnicott (1975) nos apresenta variados tipos de paradoxos e, diante deles, o convite para não tentar logicizar, sob pena de não compreendermos o fenômeno analisado. Um deles diz respeito à ilusão de onipotência do bebê, favorecida por uma mãe que lhe permite “criar” o que encontra (abordaremos esse tema a seguir). Um outro paradoxo que não deve ser eliminado é o que afirma que só na presença de uma mãe devotada, o bebê pode ficar só. A solidão essencial do lactente, ponto de origem de um ser humano viável, só poderá acontecer em condições de dependência máxima, ou seja, na absoluta presença da mãe (WINNICOTT, 1988, p. 154). Por fim, um outro paradoxo com o qual “devemos entrar em acordo” é o que sugere que a primeira unidade é a dupla mãe-bebê (WINNICOTT, 2005).

sem ter que ficar em estado de alerta em relação a ameaças de invasões ambientais. Vale destacar que, na fase de extrema dependência, a “provisão ambiental” é, segundo Winnicott (1983, p. 44), “anterior ao conceito de *viver com*”. Isto significa que o *holding* inicial não representa uma relação entre pessoas inteiras, uma relação de *con-vivência*. Pois, como afirma o autor, a expressão *viver com* implica “relações objetais e a emergência do lactente do estado de estar fundido com a mãe, e sua percepção dos objetos como externos a ele próprio” (p. 44). Nenhuma dessas operações estão garantidas de antemão e só poderão se efetivar sob condições favoráveis. Inicialmente não há objeto interno nem externo, não é possível pressupor um indivíduo “com uma membrana limitadora e um exterior e um interior” (1975, p. 15). Apesar de o bebê poder ser duramente afetado pelo ambiente, a ponto de comprometer sua chance de ser saudável, não é factível afirmar que se trata de um indivíduo que tem a posse de si e percebe o que está em seu entorno como uma realidade externa, podendo *viver com* os outros e conviver consigo mesmo.

Por não se poder presumir que o bebê *convive* com a mãe, ou se quisermos, com o ambiente, é que Winnicott (2000) usa a expressão “conjunto ambiente-indivíduo”. Tal expressão indica que a emergência de um indivíduo enquanto um Eu separado do Não-Eu só se tornará uma conquista se houver a chance de um desenvolvimento emocional saudável. Isto é, se o bebê conseguir “seguir sendo” sem ter que estabelecer um padrão de reações a intrusões, a eventos imprevisíveis que perturbam o ritmo de seu processo vital. Ratifiquemos tais afirmações com uma esclarecedora passagem de *Natureza Humana*:

No estágio inicial não é lógico pensarmos em termos de indivíduo, e não apenas devido ao grau de dependência ou apenas porque o indivíduo ainda não está em condições de perceber o ambiente, mas também porque ainda não existe ali um *self* individual capaz de discriminar entre o EU e o não-EU. Ao olharmos, vemos uma mãe e um bebê desenvolvendo-se em seu útero, ou seguro em seus braços, ou sendo cuidado por ela de alguma forma. Mas, se olharmos através dos olhos do

bebê, veremos que ainda não *há um lugar a partir do qual olhar*. No entanto, somente todo desenvolvimento futuro está ali e a continuidade da experiência de ser é essencial para a saúde futura do bebê que virá a ser um indivíduo (WINNICOTT, 1988, p. 153).

Essa saúde só poderá ser garantida pela adaptação da mãe às necessidades de seu filho e por sua capacidade de se identificar com ele. Se a mãe se identifica com seu bebê, ela reconhece e respeita suas necessidades, ao invés de impor um padrão de ações orientado por algo ou alguém alheio a estas. Sobre essa base, o bebê segue amadurecendo. Um ambiente confiável se regula de acordo com suas necessidades e tenta imprimir, sempre que possível, uma previsibilidade. Essa previsibilidade garante ao bebê a chance de *seguir sendo*, de confiar e, conseqüentemente, conquistar e manter paulatinamente um estado de integração.²³

Ao enfatizar a adaptação da mãe às necessidades do bebê como condição necessária ao processo de integração, Winnicott está admitindo que muita coisa pode acontecer até que se atinja esse estado, inclusive, que ele poderá nunca ser alcançado. Falhas severas e/ou repetidas nos cuidados iniciais podem estabelecer padrões tão reativos, que fragmentam a continuidade de ser. Quer dizer: inconsistências ambientais acarretam descontinuidades que impõem ao bebê um padrão de reação à intrusão, de modo a impedir ou obstacularizar seu “seguir sendo”, forçando-o

²³ Usamos nesse artigo os termos “integração” e “eu”. Esses e os termos “Ego” e “Self” podem parecer sinônimos, mas na verdade não são. A distinção entre eles também não é algo explicitamente esclarecido por Winnicott ao longo de sua obra, de modo que tal distinção pode ser estabelecida mais em termos de uso do que de uma conceitualização explícita. Segundo Abram, em *A linguagem de Winnicott*, é preciso inicialmente salientar que o pediatra inglês usa o termo Ego de modo diverso de Freud. Enquanto na teoria desse último o ego se origina do Id, sendo submetido ao princípio de realidade, na teoria de Winnicott não tem filiação com essa instância do aparelho psíquico. Ao invés de ser uma instância de um aparelho constituído, o Ego nomeia o aspecto da personalidade que tende a integrar-se em uma unidade. Desse modo, para Winnicott, não há Id antes do ego. Fenômenos que tradicionalmente são delegados ao Id passam a ser entendidos como concernentes ao funcionamento do Ego. Contudo, esse câmbio não está a serviço de uma troca semântica para falar das mesmas atribuições. O papel preponderante do ego é a tendência à integração, não a busca de satisfação pulsional. O objetivo da integração é o alcance do status de unidade, o alcance do si-mesmo (*self*) (ABRAM, 2000). Em *Animal Humano*, Loparic esclarece a diferenciação entre ego e *self* apontando que, para a teoria mais tardia de Winnicott, “o ego é aquela parte da personalidade em crescimento à qual é atribuída a tendência para a integração, parte que tende a se tornar uma unidade e que é encarregada, em particular, da constituição do ego corpóreo mediante uma elaboração imaginativa ainda rudimentar das funções corpóreas. O si-mesmo, por sua vez, é fruto do processo de personalização, forma posterior e bem mais sofisticada da tendência à integração” (LÓPARIC, 2000).

a ter que tomar conhecimento do ambiente, imprimindo uma quebra na comunicação. Esse é o sentido de trauma para Winnicott (2000, p. 265): um fenômeno no qual “o ‘continuar a ser’ pessoal do indivíduo é interrompido por reações a intrusões prolongadas”. O trauma, nessa fase precoce do desenvolvimento, traz consigo a desesperança, a falta de confiabilidade. Como assinala Dias (2006), o trauma é relativo ao fracasso na relação mãe-bebê no estágio de absoluta dependência. Podemos então afirmar que o trauma não diz respeito, como se advoga na psicanálise tradicional, a um afluxo excessivo de excitações não elaboráveis.²⁴ Nesse sentido, não pode ser pensado em termos de economia do aparelho psíquico, simplesmente porque se refere a um momento tão primitivo que não existe um “eu” estruturado capaz de estabelecer trocas com objetos bons ou maus, sejam da realidade ou da fantasia. Aqui, traumática é a quebra no existir e não a impossibilidade de descarga da excitação.

Eis aqui mais uma faceta da diferença de abordagem da psicanálise winnicottiana em relação à freudiana. O crivo de leitura dessa última é sempre o do apetite pulsional, marcado pela investigação dos primeiros anos de vida a partir da reconstrução do caminho da errática pulsão pré-genital. Já Winnicott, em contrapartida, não concentra sua investigação no percurso da pulsão que vai desde a remota oralidade até o desemboque no reino da genitalidade. Seu olhar incide sobre a relação de extrema dependência do bebê quanto ao ambiente e os dramas aí são da ordem da continuidade de ser, não do aplacamento das pulsões. Seu foco é o bebê amadurecendo e não a polaridade prazer e desprazer instintual.

Se uma teoria conjectura a existência prévia de um aparelho, o problema que lhe resta a investigar é a análise do rumo das descargas de afetos. Por conseguinte, o estudo acerca do papel do ambiente será mitigado ou abandonado, uma vez que o ponto de partida será tomado como algo já constituído. A partir dessa perspectiva, peculiar à psicanálise freudiana, a real existência tanto do sujeito quanto do objeto é sempre pressuposta e o ambiente fica reduzido a objetos de investimentos.

²⁴ Sobre a noção de trauma na psicanálise tradicional ver Freud (1982b).

Entretanto, para a psicanálise que não toma como afiançada a existência de uma unidade capaz de investir em objetos, o problema a ser abordado não será da ordem das catexias objetais, ao invés, dirá respeito a processos muito mais primitivos referentes à passagem do estado de não-integração ao estado de integração, bem como às tarefas para a manutenção dessa conquista. O crivo de análise não será a satisfação pulsional, mas a confiabilidade ambiental, a adaptação da mãe às necessidades do seu filho.

Sem considerar a integração com algo a ser alcançado mediante provisão ambiental, o destino de um bebê e, conseqüentemente, o destino do ser humano que ali é viável, será insuficientemente avaliado. Daí a necessidade de não tomar como prévio o sentimento de ser uma unidade e de entender que “todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência. A mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o *vir-a-ser* de seu nenê” (WINNICOTT, 1983, p. 83).

Ao longo desse artigo vimos que, no estágio primitivo, a mãe que se adapta ao seu filho, que não o traumatiza, permite que ele seja sem ter que atentar para o ambiente, impedindo que esse se sobrepuje às suas necessidades. Uma maneira crucial de permitir que o bebê seja sem ter que se ater ao ambiente, isto é, uma provisão ambiental suficiente, propicia ao bebê a ilusão de que o seio faz parte dele, de que foi criado repetidas vezes por ele, estando, desse modo, sob seu controle mágico. Tal controle é vivenciado na medida em que a mãe “coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato” (WINNICOTT, 1975, p. 26). Se ela está profundamente identificada com seu filho, será capaz de apresentar o seio no local e momento apropriados, dando ao recém-nascido a chance de ter a ilusão ter criado o seio a partir de sua necessidade. Importa notar que o verbo “criar” não designa com fidelidade esse fenômeno, afinal, para um observador externo o seio existe anterior ao contato do bebê com ele. Não obstante essa evidência – factível de ser reivindicada, sobretudo por quem paga tributos às observações e mensurações científico-naturais – o verbo refere-se ao “ponto de vista” do bebê, na medida em que a esse é dada

a oportunidade de ter a “ilusão de possuir uma força criativa mágica”, poupando-lhe da atribulação de ter que se haver com os imperativos da realidade externa compartilhada. É como se, silenciosa e efetivamente, a mãe se comunicasse com o bebê nos seguintes termos: “Venha para o mundo de forma criativa, crie o mundo” ou “o mundo está sob seu controle” (WINNICOTT, 2006, p. 90).

Cabe enfatizar que a ilusão de onipotência inicial não corresponde à alucinação desejante do objeto, característica marcante do que Freud denomina “vivência de satisfação”. Ao conceder ao bebê a chance de controle onipotente do “mundo”, em outras palavras, ao viabilizar sua criatividade primária, o ambiente lhe proporciona a base para a saúde, para a possibilidade de ser e sentir-se real, ao invés de forçá-lo a reagir. Na saúde, o movimento do ambiente é determinado pelo ritmo criativo do lactente. A ótica de abordagem aqui passa pela oposição estabelecida entre espontaneidade e reatividade, entre o “seguir sendo” e a fragmentação na continuidade de ser devido a intrusões. Não se trata de um reinvestimento alucinatório na imagem do que, outrora, proporcionou satisfação real. Em outras palavras: não estamos no campo do apaziguamento da tensão interna pela via da satisfação de desejos.

Tendo a chance de criar sem ter que reagir, o bebê terá a chance de ter *experiência*. A ilusão criadora, portanto, é a condição básica para os mais diversos e tardios tipos de experiências que concernem a um Eu integrado. As experiências subseqüentes dependerão da forma como a mãe recebeu as manifestações primitivas e espontâneas de seu bebê, do modo como ela lhe ofereceu o seio permitindo-lhe a experiência inicial de criar o “objeto” encontrado.²⁵ A capacidade para ter experiência começa a ser estabelecida nos momentos mais primitivos do desenvolvimento, mediante a possibilidade da ilusão de onipotência

²⁵ Torna-se fecundo salientar que, apesar de utilizar a palavra seio para se referir a esse “objeto” que o bebê tem a ilusão de ter originado, Winnicott (1975, p. 26) não se serve da concepção tradicional de que o recém-nascido, enquanto máquina psíquica, já está desde sempre aparelhado para investir em objetos. Veremos mais adiante que este primeiro “objeto” é subjetivo e sua criação não equivale ao processo freudiano de relação objetal. Numa nota de rodapé do texto *Objeto transicional e fenômenos transicionais*, o autor esclarece que ao se referir ao seio, usa esta palavra incluindo toda a maternagem, que representa tanto os cuidados da mãe-ambiente quanto o contato físico com o seio.

por parte do lactente. Segundo Dias (2003, p. 124), é no âmbito da onipotência que o que ocorre pode tornar-se uma experiência, na medida em que os “acontecimentos” seguem o ritmo pautado pelo bebê, por sua espontaneidade.

Apesar de falarmos em relação mãe-bebê e de mencionarmos o termo “objeto”, seria equivocado compreender essa relação como um contato entre dois sujeitos constituídos, cuja tarefa básica seria lidar, via representação, com o mundo. Estritamente falando não se pode usar o termo relação, pois, como aludimos anteriormente, o bebê ainda não é um Eu integrado capaz de *viver-com*, isto é, de se inter-relacionar. Sem abordar o bebê como uma entidade subjetiva, ou seja, como uma substância metafísica desde sempre confeccionada, Winnicott confere peso à possibilidade de se alcançar essa condição que é tomada – tanto pela tradição metafísica como por sua herdeira, a psicanálise freudiana – como ponto de partida da análise acerca do indivíduo. Ao invés de pressupor que o lactente já é um ente inserido no reino compartilhado da objetividade, o pediatra põe em apreço o alcance da tardia aquisição referente ao contato com objetos de investimento. Sendo assim, nem o bebê é um sujeito independente e habilitado a representar, nem sua mãe um objeto separado dele. Só aos poucos os pedaços da técnica de cuidar serão gradualmente reunidos formando o único ser que posteriormente será chamado mãe (WINNICOTT, 2000, p. 224). É apenas gradativamente que esses cuidados serão experienciados como algo de um ambiente facilitador separado do bebê. Essa teorização winnicottiana está aquém da consolidada separação sujeito-objeto, ou seja, situa-se num âmbito não-metafísico.

A capacidade de ter e manter relações objetais depende necessariamente do modo como a mãe apresenta o mundo ao bebê. Inicialmente cabe a ela lhe dar a chance de criar o que encontra. O que implica uma extrema identificação com seu filho, de modo a lhe permitir essa ilusão de onipotência, a lhe permitir tornar real o que ele está prestes a descobrir. Winnicott alcunha esse “objeto” que o bebê cria

de “objeto subjetivo”. Apesar de parecer que o autor se serve de uma semântica metafísica, vale acentuar que o termo “objeto subjetivo” não conota nada que se identifique com a subjetividade e nem se refere a algo que é percebido ou investido. Desde a perspectiva winnicottiana o que mobiliza o bebê a essa criação é uma necessidade pessoal em integrar, não uma pulsão com pressão e finalidade. A partir dessa perspectiva não podemos sequer dizer que, no início, o bebê se *relaciona* com o objeto, simplesmente porque não há um Eu integrado capaz de *con-viver* com o que é Não-Eu. Na verdade, trata-se de uma ilusão de contato, pois além de não haver um Eu integrado, o que o bebê “julga” criar não equivale ao elemento da realidade que lhe foi apresentado pela mãe (WINNICOTT, 1988).

Visto que o bebê toma o ambiente como algo criado por ele, o sentido que lhe é dado certamente não é da ordem da representação compartilhada. Aqui vemos mais uma forte diferença entre a psicanálise tradicional que pensa a realidade univocamente como representação e a teoria winnicottiana, que acentua que o primeiro sentido de real, ou seja, a *realidade subjetiva*, inicialmente é criada pelo gesto espontâneo do bebê em sua criatividade originária. A ilusão criativa, para Winnicott, precede a representação.

Quando elementos de desilusão são inseridos na vivência do bebê ele terá que se haver com o mundo externo, porém, não o faz sendo servil, mas preservando a continuidade da ilusão. É assim que os bebês investem de importância especial “objetos” eleitos como aqueles que estão no meio do caminho, na *transição* entre o mundo externo insubordinado e a ilusão. Sejam eles os paninhos, os ursinhos, os travesseiros, o fato é que esses objetos transicionais cumprem a função de postergar o abandono do controle mágico do mundo. Essa área intermediária entre a ilusão de onipotência e a crescente habilidade em acessar a realidade compartilhada é nomeada por Winnicott como a área dos fenômenos transicionais. Caso seja afortunado por uma provisão ambiental que segue seu ritmo, o bebê antes mesmo de enveredar na área da realidade compartilhada, poderá fazer a experiência com os “objetos” transicionais.

O aparelho freudiano, apto a representar, só lida com objetos representados. Sejam eles fantasiados ou percebidos, internos ou externos. O bebê winnicottiano precisa primeiro criar seu “objeto” subjetivo, depois lidar com paninhos e ursinhos, em seguida, brincar com seres animados e inanimados, para, finalmente, representar. Nesse sentido, o olhar winnicottiano é, prioritariamente, para o ambiente, não para o objeto. Mais que isso: para o ambiente “enquanto condição não-objetual possibilitadora de objetos”, possibilitadora de uma futura representação (LOPARIC, 2006). Há um caminho prévio e fundante da representação. Como há, para Heidegger, modos de ser-no-mundo pré-teóricos e pré-representacionais que fundam a possibilidade de uma distância objetiva e representacional. Assim como o professor dos seminários de Zollikon, o pediatra inglês teoriza sobre modos de acesso à realidade que não se reduzem ao estabelecido como único pela metafísica – a representação.

Diferentemente de Freud, Winnicott confere relevância ao problema da constituição e dos vários sentidos de realidade e não presume a representatividade como único modo de acesso. O acesso representacional é uma conquista que pode ou não ser alcançada e que tem como requisito, como vimos, uma longa jornada que deve ser marcada por provisões ambientais suficientemente boas. A questão winnicottiana sobre a realidade não paira sobre os objetos de investimentos (bons ou maus), mas remete-se aos sentidos possíveis de realidade que podem ser constituídos ao longo do amadurecimento. O maciço processo de objetificação (*Vergegenständlichung*) dos entes anunciado por Heidegger, nos *Seminários de Zollikon*, como característica marcante da metafísica moderna, não faz coro na teoria winnicottiana. Lembremos que tal processo consiste em fazer de qualquer coisa objeto, subordinar o advento da totalidade dos entes ao domínio objetivo. Desde essa perspectiva, que não é a adotada por Winnicott, nada pode advir, que não seja determinado como objeto de representação.²⁶

Winnicott, ao invés de buscar o conforto metafísico das conexões causais de um aparelho psíquico desde sempre constituído e que lida

²⁶ Conferir Heidegger (1987 e 1982, p. 129).

representativamente com objetos, lançou seu olhar para o que se impõe precariamente como fenômeno originário, seja o bebê em seu mundo subjetivo, seja a criança no brincar que resiste a qualquer categorização nos moldes da tradição metafísica.

Além de toda a discussão acerca de modos de acesso à realidade – muito próxima da tematização da ontologia fundamental de Heidegger – Winnicott revisita, por exemplo, os conceitos tradicionais de tempo e espaço, questiona a técnica de interpretação verbal como meio de acesso ao que é mais primitivo no homem e inclui em seu rol de temas questões de caráter existencial, por exemplo, a aquisição do sentimento de ser. Claro que, diante do escopo deste artigo, não podemos pormenorizar esses outros elementos da teoria winnicottiana que solidificam o seu distanciamento das garantias da metafísica moderna. Entretanto, acreditamos que, ao fazer considerações sobre a teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott, deixamos entrever que esse autor não se colocou na condição de arauto das ciências naturais e da metafísica moderna, sendo assim, não abordou o ente humano como uma substância e não o apreendeu segundo moldes da física mecânica. Tal como fez o pai da psicanálise.

De modo diverso ao freudiano, o pensamento de Winnicott conferiu relevância a temas que não pressupõem garantias metafísicas, sendo assim, esse autor não presumiu a existência *a priori* de um Eu capaz de lidar representativamente com o real, não reduziu a realidade a objetos de investimento, enfim, não tomou como ponto de partida um ente com apetite e com habilidade para representar objetos totais ou parciais, internos ou externos.

A pergunta pelo alcance do status de unidade pessoal, pela capacidade de ter experiência e pelo sentimento de real só pode ser anunciada num terreno epistemológico anterior à consolidada dicotomia sujeito-objeto, ou seja, só pode ser anunciada por um pensamento liberto dos grilhões da metafísica.

Referências

ARAÚJO, C. O ambiente em Winnicott. **Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, São Paulo: Educ, v. 4, n. 1, 2005.

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BEAUFRET, J. **Dialogue Avec Heidegger – approche de Heidegger**. Paris: Les editions de Minuit, 1974.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

_____. O caráter temporal e os sentidos de trauma em Winnicott. **Winnicott E-prints**, Série 2, v.1, n. 2, 2006. Disponível em: <www.centrowinnicott.com.br>. Acesso em: 15 maio 2008.

FREUD, S. Zur Einführung des Narzißmus. In: _____. **Psychologie des Unbewussten**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975a. Studienausgabe, Band III. Tradução Brasileira: Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. v. XIV.

_____. Trieb und Triebchicksale. In: _____. **Psychologie des Unbewussten**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975b. Studienausgabe, Band III. Tradução Brasileira: A pulsão (Trieb) e seus destinos. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. v. XIV.

_____. Jenseits des Lustprinzips. In: _____. **Psychologie des Unbewußten**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975c. Studienausgabe, Band III. Tradução Brasileira: Além do princípio prazer. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c. v. XVIII.

_____. **Die Traumdeutung**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982a. Studienausgabe, Band II. Tradução Brasileira: A interpretação dos sonhos. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d. v. 5.

FREUD, S. Zur Ätiologie der Hysterie. In: _____. **Hysterie und Angst**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982b. Studienausgabe, Band VI.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e. v. 7.

HEIDEGGER, M. **Zollikoner Seminare**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1987. Tradução brasileira: **Seminário de Zollikon**. Maria de Fátima Almeida Prado, Gabriela Arnhold, São Paulo: Educ; Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Einführung in die Metaphysik**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976a. GA Band 40.

_____. Einleitung zu: 'Was ist Metaphysik?' In: _____. **Wegmarken**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976b. GA Band 40.

_____. Lettre a Richardson. In: _____. **Questions IV**. Paris: Gallimard, 1976c.

_____. A superação da Metafísica. In: _____. **Ensaio e conferências**. Tradução: Emanuel C. Leão, Gilvan Fogel e Márcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **L'époque des conceptions du monde**. Chemins qui ne mènent nulle part. Paris: Gallimard, Nouvelle Édition, 2006a.

_____. **Sein und Zeit**. 19. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006b.

_____. **Interprétation Phénoménologique de la 'Critique de La Raison Pure' de Kant**. Paris: Gallimard, 1982.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOPARIC, Z. Animal Humano. **Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, São Paulo: Educ, v. 2, n. 2, 2000.

LOPARIC, Z. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. **Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, São Paulo: Educ, v. 8, 2006.

RIBEIRO, C. V. A realidade como questão em Heidegger e Winnicott. **Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, São Paulo: Educ, v. 7, n. 1, 2005.

_____. Freud se encaixaria no rol dos operários (Handwerker) das ciências naturais? Considerações heideggerianas acerca da psicanálise freudiana. **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Vitória da Conquista: Edições UESB, Ano 6, n. 10, p. 123-158, jan./jun. 2008.

WINNICOTT, D. W. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

*Recebido em: 20 de julho de 2008.
Aprovado em: 15 de setembro de 2008.*